

MANUSCRÍTICA
Revista de Crítica Genética
São Paulo nº 4 - 1993

APML
Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário

Corpo Editorial

Cecilia Almeida Salles

Philippe Willemart

Sônia Maria van Dijck Lima

Telê Porto Ancona Lopez

Capa

Manuscritos de Glauber Rocha

Produção Gráfica

Alexandre Nobre

APOIO

Curso de Pós-Graduação em Língua e Literatura
Francesa

Universidade de São Paulo

Sumário

Editorial	5
Josette M. A. Souza Monzani Aspectos da Gênese de <i>Deus e o Diabo na Terra do Sol</i>	8
Leyla Perrone-Moisés <i>Illustrations II</i> , da madrugada à aurora	31
Celina Borges Teixeira Uma aproximação enriquecedora	59
Telê Porto Ancona Lopez Mário Andrade: Um texto interrompido ou um texto terminado?	66
Maria Zilda Ferreira Cury A pesquisa em acervos e o remanejamento da crítica	78
Philippe Willemart Antes do começo dos começos	94
Cecilia Almeida Salles Arte e conhecimento	108
Jean Bellemin-Noël Reproduzir o manuscrito, apresentar os rascunhos, estabelecer em prototexto	127
Roberto de Oliveira Brandão Nos bastidores da criação literária	162

EDITORIAL

Fico muito satisfeita de apresentar *Manuscritica* nº 4 como a concretização de duas tendências dos estudos em crítica genética que eram, até hoje, somente previstas. "Certamente, ouviremos falar, em muito pouco tempo, sobre estudos de manuscritos em artes plásticas, música, teatro, arquitetura [...]" e "Há a chance de se ver o repetível na criação, podendo, assim, fazer generalizações sem afetar a unicidade de cada processo específico. Isto representa algo de extrema importância para o avanço na constituição de uma teoria da criação - em permanente crescimento" (*Crítica Genética - Uma introdução*).

Os limites da crítica genética são, aqui, ampliados para além dos limites do manuscrito literário: Josette M. A. de Souza Monzani em "Aspectos da gênese de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*" analisa o desenvolvimento de uma personagem feita de fotogramas ao longo do processo criativo dos roteiros cinematográficos de Glauber Rocha. O artigo de Leyla Perrone-Moisés - "*Illustrations II, Da madrugada à aurora*" - apresenta uma gênese marcada pela intersemiose e intertextualidade. A autora discute os mecanismos criativos de Michel Butor re-trabalhando textos produzidos inicialmente para acompanhar obras de artes plásticas, portanto, amparados no diálogo intersemiótico; posteriormente, o diálogo revela-se intertextual como auto-reciclagem.

O artigo de Philippe Willemart - "Antes do começo dos começos" - e o meu próprio revelam a

tendência de se traçar princípios condutores de uma possível teoria geral da criação. Willemart desenvolve, ao longo do texto, o argumento de que não há variantes para a crítica genética, conceito que supõe um texto original, mas etapas em direção a uma lógica diferente do texto. Em "Arte e conhecimento", aponto para a possibilidade de se falar em criação como um processo de aquisição de conhecimento em diversos níveis.

"A pesquisa em acervos e o remanejamento da crítica" de Maria Zilda Ferreira Cury tem como ponto de partida observações a respeito da pesquisa em arquivos; aponta, a seguir, para a presença do fragmentário, o rasurado, e o incompleto como metáfora do texto literário; e chega, diante dessas constatações, à necessidade de uma nova posição por parte da crítica literária contemporânea.

Não perdendo de vista o interesse pela unicidade e singularidade dos processos criadores, Telê Ancona Lopez em "Mário de Andrade: Um texto interrompido ou um texto terminado?" oferece informações sobre o fazer literário de Mário de Andrade, a partir da recuperação de um de seus textos "não-acabados" - *Balança, Trombeta e Battleship ou o Descobrimento da Alma*. Em "Uma aproximação enriquecedora", Celina Borges Teixeira aborda alguns aspectos da criação de Paul Valéry para seu poema *L'ange*, tomando como arcabouço teórico a teoria do caos.

Iniciamos neste número de *Manuscritica* a publicação de traduções de artigos já considerados clássicos na crítica genética e de resenhas de publicações na área. O primeiro texto escolhido para

ser traduzido foi "Reproduire le manuscrit, présenter les brouillons, établir un avant-texte" de J. Bellemin-Noël que Carlos Eduardo Galvão Braga passou a chamar de "Reproduzir o manuscrito, apresentar os rascunhos, estabelecer o prototexto". Roberto de Oliveira Brandão em "Nos bastidores da criação literária" faz uma resenha que trata de alguns problemas enfrentados na edição crítica do romance inacabado *A Capital*, de Eça de Queiroz. Edição realizada por Luiz Fagundes Duarte.

Manuscritica chega, assim, ao seu quarto número buscando ainda sua "forma ideal" e procurando refletir o momento que a crítica genética vive no Brasil.

Cecilia Almeida Salles